

O Dia Inicial, de Cláudia Alves



O DIA INICIAL
um filme de Cláudia Alves

uma produção da Blablaba Media



O Dia Inicial, de Cláudia Alves

Género:

Documentário

Duração aproximada:

70'

Realização:

Cláudia Alves

Produção:

Blablaba Media

(Portugal)

Co-produção (em contratualização):

Carneiro Verde Filmes

(Brasil)

Status:

Work in Progress

(montagem provisória / 1º alinhamento)

Contactos:

Filipe Araújo | Blablaba Media | filaraujo@blablablamedia.com | www.blablablamedia.com

Cláudia Alves | claudiavalves@gmail.com | www.claudia-alves.com

NOTA DE INTENÇÕES

O DIA INICIAL nasce da necessidade de um recomeço. Em quarentena, eu e a maior parte dos portugueses, vê-se de repente a viver 24 horas entre quatro paredes. E agora? Depois de mim, foi a minha companheira, a Joana, que embora trabalhando como médica, não estava na primeira linha de assistência aos doentes covid. No entanto, como oncologista, não podia deixar de acompanhar os seus pacientes que agora, mais do que nunca, precisavam de esclarecer dúvidas e perceber se haviam de parar ou prosseguir com os tratamentos oncológicos, devido à fragilidade da sua imunidade. Com o coronavírus, a imunidade de qualquer um de nós foi posta à prova. Aliás, a imunidade do mundo.

Espontaneamente, comecei a filmar. Ao fim de três dias de filmagem percebi que dali poderia surgir um documentário. Comecei a tirar notas, a esquematizar planos, a planear enquadramentos a partir das nossas vivências quotidianas e aprendi, sobretudo, a lidar com o imprevisto. Nunca se sabia (nunca se sabe) quando o telemóvel ia tocar... As notícias eram uma constante, tanto de telejornais como da imprensa escrita e das redes sociais. Mas, o mais interessante para mim, foi complementar essa informação tão nova com os artigos científicos que a Joana lia, acabados de serem publicados. Tudo era completamente novo, para mim, para todos nós. Eu, que estou a fazer um documentário de arquivo sobre as damas enfermeiras da Primeira Guerra Mundial e que puderam testemunhar a gripe espanhola, parei a minha pesquisa, e comecei a pesquisar com a minha câmara! Cem anos depois a História repetia-se. E nós, desarmados, sem nada para nos defender. "Apenas" uma máscara, como fizeram os nossos antepassados.

Sempre que a minha "personagem" saía de casa, dava-lhe para a mão uma pequena câmara digital e pedia-lhe que registasse os trajetos e alguns momentos do seu dia, com um pedido: que pudesse também dizer em voz alta aquilo que estava a sentir no momento. Fui compilando esse material e decidimos em conjunto que a estética seria a de uma câmara em mão (que era), sem qualquer tipo de pretensiosismo. A resolução bem como o formato dessas imagens eram completamente diferentes relativamente às imagens do restante filme e decidi assumir isso.

O Dia Inicial, de Cláudia Alves

Após dois meses e meio de filmagem, ao estilo “one person crew” comecei a fase de montagem. Depois de três semanas de montagem de imagem, cheguei a um primeiro alinhamento do filme “O Dia Inicial”. Importa agora solidificar a estrutura, trabalhar a coerência e harmonia do filme para torná-lo mais consistente e reforçar a progressão da narrativa. Sendo um filme ainda “muito fresco” preciso de criar distanciamento para que dos interstícios do material filmado surjam pequenas subtilezas que possam ser trazidas para a *timeline*, trazendo ao espectador uma reflexão que vai para além da primeira leitura das imagens. Desse trabalho de detalhe e busca incessante, nasce a poesia e profundidade do filme.

A minha intenção foi, desde o início, fazer um filme com um “personagem” e nunca sobre um “personagem”. Ainda que eu praticamente não apareça em imagem (apenas na sequência do 25 de Abril), este filme revela bem a relação entre quem filma e quem é filmado, não apenas nessa relação entre realizador e sujeito (pois essa relação nunca pode ser apagada), mas sim como dois seres que se amam e partilham a vida. É um retrato de uma relação de duas pessoas do mesmo sexo que vivem juntas. Se bem que no meio do cinema (o meu), ser homossexual não é um entrave em termos profissionais, na área da saúde, especialmente em alguns meios, não é tão bem visto. Mas, como dizia, um outro personagem no filme (numa das sequências finais desta montagem) é importante assumir a relação, seja através de uma união de facto ou de um casamento. Este exemplo concreto espelhado neste filme particular, é uma forma também de fazer frente a todo e qualquer preconceito homofóbico.

Tendo sido eu, realizadora, a filmar e montar esta primeira versão do filme, pretendo agora alargar a equipa: Raúl Barreras como montador, Fernando Henna na montagem de som e Fernanda Pires Gurgel na correção de cor. Soma-se também o brasileiro Rodrigo Carneiro (co-produtor), meu grande amigo e com quem já fiz dois filmes. Será uma fase mais minuciosa, de montagem de imagem e de som, que me dará um grande prazer. Estou convicta que a experiência de todos trará uma consistência e um novo olhar ao filme. O filme precisa ainda de muito trabalho pela frente e os desafios que nele encontro são razão de grande entusiasmo e superação para mim/ nós. Nele vejo refletidos o amor, a confiança, a intimidade e a vontade de superar o medo. No fundo, pretendo contar uma história tão singular como universal.

Cláudia Alves

O Dia Inicial, de Cláudia Alves

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

25 de Abril, Sophia de Mello Breyner

Sinopse

Uma médica vê-se obrigada a manter-se em casa mal é decretado o estado de emergência. Com a pandemia covid-19 a paralisar a vida de muitos, esta oncologista passa a responder a pacientes, colegas, família e amigos à distância, sempre na companhia dos seus dois gatos. À medida que mergulhamos na sua intensa rotina de trabalho, conhecemos outras facetas da sua vida. Prestes a cumprir quarenta anos, interroga-se se quer ter filhos e casar, sabendo que essa opção não será fácil.

Personagem

Joana Ribeiro é uma mulher com 39 anos, natural de Lisboa. Os seus avós paternos em tempos viveram no centro de Lisboa, no Chiado. Ela vive num bairro histórico perto do castelo numa casa com vista sobre Lisboa. Joana é médica na Fundação Champalimaud, uma instituição de renome a nível de investigação científica. É nesta fundação que exerce a sua atividade na área de cancro de mama.

Assim que é decretado o estado de emergência em Portugal, esta oncologista passa a trabalhar a maior parte dos seus dias em casa de forma remota. Os telefonemas com as suas pacientes e colegas são constantes.

Nos dias em que está “escalada” para trabalhar presencialmente, desloca-se de carro. Nesses trajetos matutinos e no regresso ao final do dia, por vezes à noite, escuta rádio no carro. São talvez os únicos momentos de “silêncio” do dia. E de introspeção.